

AS MULHERES DO *DESMUNDO*: AS PERSONAGENS FEMININAS DE ANA MIRANDA

Ludmila G. Ribeiro de Mello¹

diante da incapacidade de tornar o mundo o que eu achava que deveria ser. (Ana Miranda *apud* NOLASCO, 2000, anexo 1)

RESUMO

Este artigo levantará a questão da literatura de mulheres que se constitui como categoria diferente por apresentar estrutura e temas diferenciados do já conhecido “discurso masculino”. Mais especificamente buscar-se-á definir como se dá a apresentação da história e do mundo feminino por meio da ficção feita por mulheres e suas personagens, representadas, neste estudo, pela autora brasileira Ana Miranda em *Desmundo* (1996).

Palavras-chave: Literatura de mulheres; Ana Miranda; *Desmundo*

ABSTRACT

This article provides a forum for presenting women's literature which can be perceived as a different structure and theme from the already known “masculine discourse”. Specifically, this work seeks to define how the female history and world are presented through female author and her characters, as represented here by the Brazilian author Ana Miranda in *Desmundo* (1996).

Keywords: Women's literature; Ana Miranda; *Desmundo*

INTRODUÇÃO

(...) o meu personagem feminino sou eu aos dezenove anos, talvez quando tenha sido terminada a construção da minha personalidade, e a mulher que fui a partir de então não é mais personagem literário, todas as minhas personagens femininas sou eu naquela idade, com aqueles sentimentos e aqueles conflitos que me atormentavam, sentimentos de meiguice, revolta, indignação, admiração pelo mundo, revelações, aturdimiento

Não podemos desconsiderar o quanto as personagens femininas, na chamada “literatura de mulheres” ou “literatura de autoria feminina”, têm a nos revelar sobre suas autoras, assim como o oposto também é, muitas vezes, verdadeiro; como podemos observar nos dizeres acima, da autora brasileira contemporânea Ana Miranda.

A literatura de mulheres e seu estudo são hoje um campo em expansão. Entretanto, o surgimento desse tipo de narrativa foi tardio na historiografia literária. Isso se deve ao fato de a própria condição social da mulher estar também ainda hoje em desenvolvimento. Foi em meados do século passado que a discussão sobre “literatura feminina” começou a desenvolver-se devido a estar o “mundo em mutação acelerada de suas antigas bases” e, a partir de então, aceitar e “compreender melhor as transformações que se vêm processando na voz feminina que, nesses últimos 50 anos e cada vez com mais força e essencialidade, se vem fazendo ouvir na literatura brasileira” (COELHO, 1993, p. 14).

As literaturas feminina e masculina diferem-se, segundo Elódia Xavier, por ser a primeira, além de mais intimista, problematizadora, uma vez que a mulher tem uma condição desfavorável a ser questionada. E é exatamente essa condição que permite afirmar que existe uma literatura de mulheres.

¹ Ludmila G. R. de Mello, doutoranda em Estudos Literários, Unesp, Araraquara, S.P. / profaludmello@ig.com.br

Não existe ‘discurso masculino’, porque não existe ‘condição masculina’. A mulher, vivendo uma condição especial, representa o mundo de forma diferente”. (XAVIER, 1991, p. 11)

É através dessa perspectiva que, sem dúvida, podemos falar em uma *literatura feminina* e em uma *literatura masculina*, pois as coordenadas do sistema sociocultural ainda vigente estabelecem profundas diferenças entre o ser-homem e o ser-mulher. Desta diferença derivam, evidentemente, certas peculiaridades que podem ser detectadas na criação literária de um e de outro (COELHO, 1993, p.15).

AS MULHERES DE ANA MIRANDA

O romance *Desmundo* (1996) tem sua história compreendida na era colonial brasileira e possui como foco da trama a vinda de Oribela, uma órfã portuguesa, ao Brasil para desposar e povoar a nova terra. Nessa obra, os fatos são levantados e descritos por Oribela, mantendo assim uma narrativa mais subjetiva e prendendo-a a uma visão pessoal dos acontecimentos, sem preocupação em ater-se à “verdade” dos fatos. Esta é uma das características da literatura feminina, que busca através do olhar pessoal da mulher descrever o mundo no qual ela vive.

(...) Sabe-se da estreita relação entre linguagem e sujeito, e, portanto, quando uma mulher articula um discurso este traz a

marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes. Uma mesma realidade pode suscitar várias verbalizações, reveladoras de experiências peculiares (...) (XAVIER, 1991, p. 13).

O sistema colonial, no qual Oribela estava inserida (século XVI), exigia-lhe submissão, virtude e fidelidade, como afirma Engel, “a construção da imagem feminina a partir da natureza e das suas leis implicaria em qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce, etc” (ENGEL, 2000, p. 332). Oribela, contudo, distancia-se dessas características, pois se rebela contra esse sistema, mesmo que sem intenção, ao buscar proteger seus sonhos e ambições. Foi trazida ao Brasil para se casar com os homens brancos que vieram povoar a terra recém-descoberta. No entanto, recusa-se em casar com o sobrinho do governador, por essa razão, ela é uma representação das mulheres que se rebelaram quanto à injustiça de seu tempo.

Oh como és parva. Uma perda! Decho que praga, tão bom homem parece ele e tu uma frouxa, rabugenta, pé-de-ferro, regateira, baça, demoninhada, pardeus, forte birra é esta que tomas contigo, ora vai-te, eramá, como te amofinas, mexeriqueira e sonsa, que rosto de mau pesar para casarem contigo, tinhosa, que cheiras a raposa, rastro de burra, torta defumada. (MIRANDA, 1996, p. 57)

O processo de colonização brasileira que vigorou entre os séculos XVI e XIX estava ligado ao mercantilismo e ao capitalismo moderno então nascente, à expansão marítima europeia e ao fortalecimento das monarquias absolutistas. Esse processo se dá efetivamente a partir de 1530, quando o monarca português se convenceu de que a melhor maneira de *proteger* a colônia era povoando-a. A história religiosa do Brasil inicia-se em 1549, com a vinda dos jesuítas, tendo como alguns de seus objetivos *educar* e *orientar* os indígenas e os portugueses que para cá viessem, ditando-lhes as regras da moral e dos bons costumes. As mulheres que aqui chegavam para viver deveriam manter a virtude e os costumes aprendidos e impostos pela metrópole, os quais eram devidamente controlados pelos pais, irmãos, marido e pela igreja.

Ora ouvi, filhas minhas. Aquela que chamar de vadio seu homem deve jurar que o disse em um acesso de cólera, nunca mais deixar os cabelos soltos, mas atados, seja em turbante, seja trançado, não morder o beijo, que é sinal de cólera, nem fungar com força, que é desconfiança, nem afilar o nariz, que é desdém e nem encher as bochechas de vento como a si dando realeza, nem alevantar os ombros em indiferença e nem olhar para o céu que é recordação, nem punho cerrado, que ameaça. Tampouco a mão torcer, que é despeito. Nem pá pá pá nem lari lará. (MIRANDA, 1996, p. 67)

A Igreja pregava que a mulher, por “derivar-se do homem”, devia-lhe obediência e os homens, respaldados por uma sociedade patriarcal, utilizavam-se de sua autoridade para controlar e oprimir os desejos e os comportamentos femininos, segundo Araújo, “pretendia-se controlar a sexualidade feminina de várias formas e em vários níveis”. (ARAÚJO, 2000, p. 65)

E disse o padre, que era de missa e sermão. (...) E para ir ao céu, que se esforcem a sentir todos os sofrimentos e tribulações, dádivas, sem folganças nem vícios nem pecados soterrados na alma, corrigidos por trabalhos corporais, apartados do mal por cilícios, em si de si mesmo, de si mesmo a si, sem malícias, enfermidades. (MIRANDA, 1996, p. 17)

“As mulheres, então, ou se submetiam aos padrões misóginos impostos, ou reagiam com o exercício da sedução (...) e da transgressão” (ARAÚJO, 2000, p. 65). É exatamente através da transgressão e da sedução que Oribela, protagonista de *Desmundo*, encontra sua liberdade, sendo marcada pela sua coragem e determinação. A jovem portuguesa apaixonou-se pelo mouro Ximeno e na busca por sua felicidade decide enfrentar seus medos e toda repressão social.

Queria eu roupas de fidalga para assombrar o Ximeno. Ia vestir e fazer a Temericô me tratar dos cabelos, que virassem cachos e

da noite para o dia descessem aos ombros e de véu, o rosto ataviado de tinta e as mãos de perfume, ia eu fazer de dama para que ele avistasse e se cortasse em seu coração de respeito por não ser eu uma ninguém, mas algo, que então parecia ter eu pernas duras para ficar em alteza maior que antes e me tendo em seu respeito se daria Ximeno ao temor de me fazer sua cativa e me livraria o rosto da vergonha (...)
(MIRANDA, 1996, p. 193)

Como qualquer mulher do século XVI, Oribela era vítima da opressão social, pois as mulheres eram, de início, julgadas como portadoras do azar, pecadoras, aliciadoras e transgressoras.

(...) marinheiros em doidas lágrimas, com as mãos para o céu louvavam a Deus chegar vivos, que não esperavam, em naus, mulheres são mau agouro, em oceanos fêmeas são baús cheios de pedras muito grandes e pesados (...). (MIRANDA, 1996, p. 14)

E nos mandaram em joelhos rezar, que fazíamos pouco de nossos ímpetos mulheris dados ao demônio que devíamos temer e vigiar, vivia o Mau dentro de nossas almas negras, para não sermos arrebatadas pelo espírito do maligno e que depois nos fôssemos confessar em joelhos.
(MIRANDA, 1996, p. 41)

A sexualidade das mulheres é controlada, tal controle é representado, no romance, por exemplo, pelo pai de Oribela que a julgava um “estorvo” e desde cedo a mantinha sobre vigilância.

Meu pai mandou turvar a água do banho com leite para não ver meu corpo de criança, uma vez alevantei da gameleira e ele me castigou com tantas vergastadas que verti sangue pela boca. Água nas mãos e na fuça, fidalga. Água no mais, puta. (MIRANDA, 1996, p. 43)

Dizia meu pai. Que besta és tu e de asas, feito uma galinha que quer avoar e não pode (...) Meu pai falava de mim. Formosa e não presta nada. Bem pintada e mal lograda. Puta, puta, puta, três vezes puta, puta de Cananor, puta de Malabar, puta de Catchi.
(MIRANDA, 1996, p. 57)

Seu pai a rejeitava porque ela questionava seu papel como mulher e se via no direito de sonhar.

Me dizia ter feição de puta, por meu nariz afilado e a minha rebeldia na língua e o estar sempre sonhando, coisa de mulher pública. (MIRANDA, 1996, p. 75)

Cabia também à Igreja grande parte no “controle” da mulher, ajudando a oprimir seus desejos e a lembrar da sua necessidade de subordinação ao homem, sendo este, pai, tio, irmão ou esposo. O sentimento de culpa, a vergonha de sentir-se pecadora tanto quanto o medo tomavam conta das mulheres e as faziam agir como mandavam os costumes e as “leis de Deus”.

Baixei meus olhos e pus a pedir, meu pai, me alumiasse por dentro, me não deixasse vacilar em meus intentos e promessas, de firmeza devia ser eu feita, como terra, sem terremoto, sem valados, numa lonjura de vista, que me desse de ver nas águas feito em meu sonho (...) e respondesse Deus se tudo o que fazia eu era traição de me destinar a sagradas bodas (...). (MIRANDA, 1996, p. 137)

Entretanto, o que marca a personagem Oribela, é a exceção e não a regra. Ela é questionadora, insubmissa, o que a diferencia da grande maioria das mulheres dessa época. A todo o momento questiona-se sobre os ensinamentos religiosos que lhe foram dados, assim como sobre os princípios morais que lhe foram passados no convento onde foi criada, como podemos observar nos dizeres da personagem.

E disse eu. Ora, hei, hei, não era melhor morrer a ferro que viver com tantas cautelas? (MIRANDA, 1996, p. 67)

Bom era viver numa casa sem homem a ordenar. (MIRANDA, 1996, p. 126)

(...) eu a ser um aljôfar que nas conchas nasce, meu orgulho despejado, que havia dentro de cada uma de nós, desfeita que fosse, um coração que lhe no peito não cabia e se há fogo no coração há lágrimas nos olhos. (MIRANDA, 1996, p. 42)

Deves deixar de moimentos da alma e aceitar teu destino à sombra de teu esposo e se desenfadar. (MIRANDA, 1996, p. 136)

Oribela, como vimos, é uma órfã mandada pela rainha para esposar um dos homens da colônia para que esses não continuassem a amasiar-se com as índias, união proibida pela Igreja e desaconselhada pela coroa. Sua rebeldia deu-se quando é obrigada a casar-se com Francisco de Albuquerque, homem pelo qual sentia ojeriza.

Reparasse o homem na formosura de minha feição, na suavidade mulhêr e esquecesse da rebeldia, tudo o mais era infalível. O homem me veio a mirar e no rosto lhe cuspi. (MIRANDA, 1996, p.56)

O casamento era, no século XVI, e nos tempos seguintes não deixou de sê-lo, uma instituição importante na sociedade, principalmente quando diz respeito à mulher, que tinha esse ato como ação obrigatória em sua vida, pois era através dele que o homem podia controlar suas ações e, conseqüentemente, a manutenção dos bens e a garantia da herança ao filho verdadeiro, uma vez que cabe à mulher conceber e somente ela sabe quem é o pai da criança. Essa herança cristã não estava presente, por exemplo, nas *polis* gregas já que lá cabia à mulher cuidar dos bens uma vez que era função masculina apenas integrar-se ao exército e/ou ao governo das cidades.

Simone de Beauvoir viria a dizer, nas primeiras décadas do século XX, que o casamento nunca deixou de ser o único

caminho pelo qual a mulher podia estabelecer sua dignidade social, pois “o casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe” (BEAUVOIR, 1980, p. 67). O casamento era, portanto, uma maneira do homem controlar a sexualidade feminina e garantir herdeiros legítimos, o que deixou de ser relevante apenas na segunda metade do século passado, com a invenção dos métodos anticoncepcionais.

Talvez por razões como essas, Francisco de Albuquerque fosse controlador e rígido com sua esposa mesmo dizendo amá-la. Controlando suas amizades, anseios e restringindo sua visão de mundo, Oribela seria obrigada a ficar em seu sítio para sempre mesmo contra a vontade dela. Não havia escolha. Dessa maneira, a possibilidade de traição e a sexualidade dela estariam sendo controladas. Com isso, a paternidade dos filhos não lhe poderia ser negada. Além disso, pode-se dizer que ele a vê como um “objeto” que lhe pertence, sobre o qual tem todos os direitos. Dessa forma, ela é tomada como uma mercadoria que ele tivesse comprado, assim se tornando desumanizada, reificada, ou seja, transformada em coisa, de que ele pode dispor como quiser, para seu uso e prazer.

Oribela, contudo, tenta por duas vezes fugir do marido a quem não amava e buscar junto de outro homem seu ideal de felicidade. Ela é decidida quando se trata de

buscar seus sonhos, mesmo acreditando que “os mouros são demônios aliciadores de almas” e que “as adúlteras são mulheres malditas”; acaba misturando culpa e desejo, ao apaixonar-se por Ximeno.

Não pude sair do leito sentindo as penas do meu pecado em meu ventre, num tipo de mal lunático, que vinha quando saía a lua, a ver eu candeinhas diante dos olhos, parecendo enferma, a só ter no escuro de dentro de mim a visão de Ximeno e o desejo dele, como se houvera um triste soar de sua voz em murmúrios sobre mim (...) sacramentada ao Ximeno, dele sendo toda possuída, a suspeitar que era o demo, ele, que me precipitava nos fingimentos (...). (MIRANDA, 1996, p. 187)

Nessa relação também está presente a questão religiosa, pois ela é católica e ele muçulmano. Na época em que se passa o romance, as barreiras entre as duas religiões eram intransponíveis. Além do pecado do adultério, ela está cometendo o de relacionar-se com um “infel”. Daí a culpa. Mas no final ela consegue superar este aspecto da situação e pode-se dizer que há uma idealização não realista, apontando para a “força do amor, que tudo vence”, tema comum à literatura romântica e, muitas vezes, da literatura feminina.

Exatamente por não ser submissa esta personagem é, muitas vezes, taxada de promíscua e pecadora.

De noite escutei a voz da Parva na rua. Estúpida, hideputa can, que te mandem arrancar as arnelas, rota e triste, uma serpe por mulher, puta nascida de mosca encharcada no mais imundo monturo que se pode encontrar nos pântanos e em masmorras, quem te deu atrevimento para cuspir nas coisas de noivado e de Deus? (MIRANDA, 1996, p. 62)

Oribela convivia apenas com o esposo e sua família, num sítio afastado, pessoas que lhe eram estranhas e pelas quais sentia uma mistura de raiva e medo. Entretanto, encontra na índia Temericô uma amiga, com quem podia aprender, apesar das diferenças culturais que as envolviam, principalmente, sobre seu corpo até então tão desconhecido.

Nesse tempo se deu de minha amizade se encantar por uma natural, de cor muito baça, bons dentes brancos e miúdos, alegre rosto, pés pequenos, cabelo aparado e que me falava a língua, com a rudeza dos matos e modos de animais silvestres (...). Espantava morcegos das palhas, ria de qualquer coisa triste, vestia um tafetá verde e chamava Temericô. (MIRANDA, 1996, p. 119)

Essa relação, segundo Simone de Beauvoir, se dá devido às mulheres sentirem a necessidade de compartilhar, principalmente na angústia, seus sentimentos e desejos.

As amigas femininas que a mulher consegue conservar ou

criar ser-lhe-ão preciosas; têm um caráter muito diferente das relações que os homens conhecem; estes comunicam entre si, como indivíduos, através das idéias, os projetos que lhes são pessoais; as mulheres, encerradas na generalidade de seu destino, acham-se unidas por uma espécie de cumplicidade imanente. O que primeiramente procuram, umas junto das outras, é afirmação do universo que lhes é comum. (BEAUVOIR, 1980, p. 309)

A sogra Branca vê em Oribela uma rival, que irá lhe tirar o amor do filho, mas não o amor maternal e sim o sentimento pela mulher, o desejo carnal que ele tinha por ela enquanto não havia outras mulheres brancas em seu sítio. Trata-se de amor incestuoso, que teve como fruto a menina Viliganda, que possuía uma doença mental.

(...) os cabelos feito tições com a alvura das cinzas, de mais idade que o rei, que no aspecto e na gravidade de sua pessoa mostrava bem ser quem era (...) mulher fria como se de neve fora feita e assim mesmo alva, de olhos longos por nós, trespassada, dando ordem às naturais (...) (MIRANDA, 1996, p. 97)

Eram ela [Viliganda] e sua mãe como feras e Francisco de Albuquerque feito uma alimária do mato (...) dona Branca se me tem ódio é recolhido dos meus erros, cada um com sua culpa (...).(MIRANDA, 1996, p. 102)

Da mãe tivesse eu por ela respeito, sendo mãe de meu esposo lhe devia eu reverência

por ser de mais posto e que a filha frutificada do filho com a mãe, se assim fosse, eu a tomasse por minha menina e a amasse como fruto meu. (MIRANDA, 1996, p. 133)

Dona Branca me quisera matar com veneno e a meu filho. (MIRANDA, 1996, p. 197)

Há no livro a figura de uma outra mulher singular, a chamada Velha. É ela que acompanha as órfãs de Portugal ao Brasil e que quando se vê aqui percebe que foi submetida a um castigo por quebrar regras sociais. Como era letrada e inteligente acabava por questionar a condição da mulher em seus dizeres. Ensinava, porém, sempre as meninas a quem acompanhava sobre a necessidade de ser submissa e recatada. Nos dizeres de Oribela, podemos conhecer melhor essa personagem.

Amava e admirava eu a Velha, letrada e parecia homem santo, em chama que não se apaga logo, com muita presteza na palavra, digna de ser reverenciada em toda a grandeza da terra. (MIRANDA, 1996, p. 66)

Apesar da “reverência” citada por Oribela, a Velha não é admirada e não tem seu valor reconhecido. Ela é castigada por seus dizeres e por estar sempre a ler e a questionar-se.

(...) estava ela assentada num canto do chão coma boca amarrada em uma mordança e

uma inchação no rosto, como um castigo de ser mais que os outros e quedei a pensar, mas fui ao desembarcadouro. Que pode um prisioneiro fazer por outro? (MIRANDA, 1996, p. 110)

Na sociedade patriarcal do século XVI, na qual se passa a história de *Desmundo*, era ao homem que cabia todas as decisões e iniciativas, principalmente aquelas referentes às filhas e à esposa. Por essa razão, eram pessoas controladoras, autoritárias, características que a Igreja ajudava a manter, alegando inferioridade feminina. No livro em questão, aparecem duas figuras masculinas que podem ser marcadas por adjetivos opostos. Francisco de Albuquerque, enquanto marido de Oribela, era homem bruto, controlador, autoritário, embora cristão; já Ximeno, era dócil, bondoso, amoroso e compreensivo, ainda que marcado pela religião “errada”, sendo muçulmano, como vimos. Entre o amor que o primeiro nutre por ela e o desejo que ela alimenta pelo mouro, Oribela escolhe o segundo, talvez pelo fato de Ximeno possuir as características que ela desejava encontrar nos homens dessa terra.

Logo se tornou um cachorro [Francisco de Albuquerque] que vi sobre uma cadela de rua, um ganso numa gansa (...) arfando me pegar pelo cabelo, sem se prestar a mais nada, uma muito estranha coisa para ser criação de Deus (...) meus braços não davam conta dos dele nem as pernas deles se apiedavam das minhas, que eu estava a temer de

me quebrar os ossos e me rasgar pela metade (...). (MIRANDA, 1996, p. 77)

Vos sou [Ximeno] leal, senhora, como sempre serei assim nesta terra como nas outras, antes ficasse cego que me tirasse de suas vistas, antes lhe caísse a cabeça a me ver ser infiel, encareceu a mim a muita razão que tinha de pôr sua vida por uma tão boa mulher, para sempre me socorrer se faria açoitado, arranhado de espinhos e por fim de tudo morto (...). (MIRANDA, 1996, p. 175)

Das ações das personagens podemos desprender suas personalidades, enquanto Francisco de Albuquerque trata Oribela como uma “cadela”, como ela mesma se sente, na noite de núpcias; Ximeno afirma que a respeita tanto que preferia morrer a torná-la infiel ou a forçá-la a fazer qualquer coisa que ela não queira. Oribela prefere, portanto, o mouro a seu marido, mesmo que para isso quebre as regras da Igreja e da sociedade.

Podemos perceber também que Oribela não constitui o “tipo” de mulher esperado para o século XVI: não é submissa, não aceita facilmente as decisões que lhe são impostas, e busca sua felicidade, mesmo quando isso pode lhe custar a vida ou a de seu filho; não constituindo, então, o estereótipo feminino de fragilidade e de submissão. Oribela, ao lutar, consegue a sua felicidade, une-se ao mouro para juntos criarem o filho, alcançando dessa maneira o ideal romântico.

Entretanto, sendo *Desmundo* um romance histórico que representa o século XVI, mas escrito no século XX, podemos dizer que Oribela é constituída pela ficção por tratar-se da exceção e não da regra, por ser questionadora num tempo em que as mulheres restringiam-se à casa, submissas aos homens.

Podemos afirmar que a ambientação dessa personagem na época seiscentista fere a verossimilhança, por isso, podemos confirmar que *Desmundo* é um romance histórico contemporâneo, não tradicional, no qual é permitido ao escritor modificar e problematizar a realidade e não apenas representá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Emanuel. *A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP e Contexto, 2000.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Volume 2. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- ENGEL, Magali. *Psiquiatria e feminilidade*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP e Contexto, 2000.
- MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- NOLASCO, Thaís. *As mulheres no romance histórico de Ana Miranda*. São Carlos:

UFSCar - Departamento de Letras, 2000.
(relatório de iniciação científica – bolsa
PIBIC/ CNPq.). Anexo 1 – entrevista.

XAVIER, Elódia. *Tudo no feminino: a mulher
e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio
de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

